

Discurso, Angústia, Capitalismo

*Nils Goran Skare*¹

Resumo

Este artigo apresenta a teoria dos discursos segundo a proposta psicanalítica lacaniana em suas quatro classificações radicais (mestre, universitário, histórica e analista). Apresenta também uma definição operacional do fenômeno da angústia. Aplicamos esse conceito de angústia aos discursos e depois verificamos, no que Lacan chama de discurso do capitalista, o mascaramento da angústia em culpa. Concluimos com a importância da criatividade no discurso.

Palavras-chave: *Discurso; Lacan; Angústia; Capitalismo; Criatividade.*

1. INTRODUÇÃO

O propósito deste texto é articular algumas relações entre fenômenos compreensíveis a partir da matriz do discurso lacaniano. A teoria do discurso é um campo fértil nos estudos linguísticos e literários, em particular em sua intersecção com as considerações políticas e ideológicas. Mas, especificamente, a teoria lacaniana do discurso permite uma taxonomia; permite também, por causa disso, uma *praxis* bastante apurada.

Em outras palavras, trata-se de saber: o que é um discurso?; quais são os discursos existentes?; e, como essa teoria dos discursos permite compreender o capitalismo? Ora, precisamos de uma alavanca, de um ponto de apoio que, buscamos aqui, será o afeto da angústia. Por quê a angústia? Porque a angústia não mente, ela é indicadora do Real.

¹ Estudou Ciências Sociais e Letras na Universidade Federal do Paraná. Trabalha como editor e tradutor, tendo vertido para o português obras de E. E. Cummings, August Strindberg e Akutagawa Ryunosuke.

2. DISCURSO E ANGÚSTIA

Inicialmente teremos que definir o campo do discurso dentro da teoria lacaniana. A primeiríssima coisa a fazer é um *by-pass* nas teorias da informação que têm por ideal uma comunicação livre de “ruído”. Há também a chamada “análise do discurso” que, bebendo em autores como Michel Foucault, busca compreender as relações entre discurso e poder. O funcionamento e o embasamento da teoria discursiva lacaniana é diferente desses dois projetos. Para Lacan, a linguagem é fundamentalmente incompleta, não é possível dizer tudo: parcial, manca, imperfeita, mutilada, restrita e truncada, a linguagem sempre se emaranha e rodopia sem chegar a um ponto final ideal. E nossa teoria aceita essa imperfeição, justamente por não se ocupar do “conteúdo” propriamente, mas da formalização.

No entendimento (foucaultiano) da relação entre poder e discurso, é como se “cada discurso fosse um discurso”. No entendimento (lacaniano) da relação entre forma e discurso, há um número finito de discursos. Há, conseqüentemente, uma taxonomia.

2.1. Posições e Elementos Discursivos

Essa formalização lacaniana envolve posições e elementos.

Há duas posições iniciais a serem compreendidas: há de que há um agente do discurso, e de que há um outro a quem é dirigida essa comunicação.

Agente → Outro

Mas entendemos que, desse ato comunicativo, sempre resulta um produto, um “feito” dessa situação. Ao mesmo tempo, esse produto é como um núcleo irreduzível que aquele discurso não poderia assimilar.

Agente → Outro → Produto

Por fim, há uma quarta posição (derivada da compreensão psicanalítica da teoria) que é a verdade. A verdade, aqui, deve ser entendida como o motor inconsciente do agente. Através de nós fala uma verdade abscôndita.

Assim, um agente (que, além de um indivíduo, pode ser um grupo social) se dirige a um outro. A posição do agente é como de um *semblante* regido (um pouco como um marionete) pela verdade do discurso – pelo inconsciente.

A situação poderia ser representada assim:

Verdade → Agente → Outro → Produto

Contudo Lacan representa desta forma:

$$\uparrow \frac{\textit{Agente}}{\textit{Verdade}} \rightarrow \frac{\textit{Outro}}{\textit{Produto}} \downarrow$$

Quanto aos elementos: são quatro os elementos na formalização dessa teoria. Eles são representados desta forma: \$, S₁, S₂ e *a*. Respectivamente: o sujeito, o significante-mestre, a cadeia-significante e o *objet-petit a*, ou objeto pequeno *a*.

A cadeia-significante, S₂, é o “saber” ou “know-how”, ou mais precisamente o *conhecimento* (o conhecimento é imaginário, ao passo que o saber é simbólico). Os significantes (as unidades mínimas da linguagem) se agrupam em cadeias semióticas, onde o significante-mestre “tampa” e completa essa cadeia. O conhecimento é o aspecto sistemático da linguagem. Ele também organiza o discurso em relação à *jouissance*, o gozo paradoxal além do princípio de prazer. Como há diferenças nas sistematizações de S₂, às vezes eles fazem um curto-circuito com o ego, revelando a realidade do inconsciente (como no caso dos atos falhos). Quando o conhecimento de qualquer tipo se articula, também o sujeito é articulado nessa cadeia significativa.

O significante-mestre, S₁, é um significante sem significado, ele é *nonsense* materializado. Nos dizeres de Slavoj Žižek, ele é um “pedacinho do Real”, que fornece, por sua própria arbitrariedade, uma certa segurança ao indivíduo. O significante-mestre é a mínima unidade pela qual o sujeito se esforça para ser representado no simbólico: o registro da linguagem, da Lei – e do inconsciente. O significante-mestre amarra diversas narrativas num ponto, sem que, contudo, a pessoa possa precisá-lo ou reduzi-lo, pois é, afinal, irreduzível *per se*. Por exemplo, no discurso de um religioso poderíamos ter significantes-mestres tais como “Deus”, “Inferno”, “Céu”, “pecado” e “salvação”. Ou no

de um comunista alguns S_1 como “comunismo”, “capitalismo”, “proletariado” e “revolução”. Mas a verdade desses significantes-mestres é, por definição, inconsciente.

O sujeito, $\$$, é sempre dividido pela linguagem, ele é um sujeito barrado. Ele não pode ser estudado “em termos objetivos”, reificado. Ele é também “sujeito”, no sentido de assujeitado (cf. a teoria da ideologia de Althusser), o sujeito só existe pela mediação do Outro, da ordem simbólica. Ser um sujeito é *reconhecer-se* um sujeito entre sujeitos, no registro da linguagem e da Lei, ao contrário da *identificação* (narcísica) do imaginário.

Por fim, o sempre elusivo *objet-petit a*, representado pela letra *a*. Ele é ao mesmo tempo o objeto e a causa do desejo, uma negatividade radical tornada “positiva” num “objeto”. Esse *objet-petit a* está relacionado à angústia. A função do espaço ocupado pelo *objet-petit a* pode ser ocupada por diversos elementos, por exemplo: a Mulher *qua* objeto da fantasia masculina. Lacan nos lembra também que começamos, todos nós, nossa vida como o objeto *a*.

2.2 Os Quatro Discursos: O Mestre, O Universitário, a Histórica e o Analista.

Os discursos propostos por Lacan são formados colocando-se esses elementos nas diferentes posições, gerando assim uma estrutura discursiva própria. O primeiro discurso a que Lacan se refere, e que serve de base para todos os outros, é o discurso do mestre. Ele é representado desta forma:

Discurso do Mestre

$$\uparrow \frac{S_1}{\$} \rightarrow \frac{S_2}{a} \downarrow$$

A arbitrariedade do poder é a marca do discurso do mestre, arbitrariedade igual à do significante a que estamos todos constrangidos. O agente é ocupado por esse pedaço de *nonsense* que é o significante-mestre, assim o discurso do mestre é um discurso a ser obedecido “porque sim”. O discurso amparado pelo mestre é um discurso que esconde a castração, que ilusoriamente se acredita indiviso. Dessa forma ele tenta se escorar num conhecimento que seria indiscutível, inquestionavelmente natural e naturalmente inquestionável. No discurso do mestre o sujeito *sonha* com sua completude, e se julga portador de uma linguagem indivisa. Esse sonho é, obviamente, sempre confrontado com a realidade da linguagem que não abarca o Real. Forma discursiva que coloca o Outro na posição de escravo, busca tirar desse servo um saber de mestre que se aproxima da ciência.

“Por isso, a episteme resultante desse discurso se reduz a um saber teórico.” (BUENO, 2002, p. 99) Contemplação que busca o sistema (discurso filosófico), o saber do mestre é um saber expropriador.

O próximo discurso é chamado de discurso do universitário:

Discurso do Universitário

$$\uparrow \frac{S2}{S1} \rightarrow \frac{a}{\$} \downarrow$$

A posição do agente, a posição dominante é ocupada pelo conhecimento. “Esse discurso é o lugar onde todas as formas de complexidade e ambigüidades são mapeadas no domínio do conhecimento.” (LIU, 2003, p. 254) É o discurso da burocracia, daquele que quer fazer do Outro “um sujeito”, ou, como se diz, “formar” um aluno. Não há nada pequeno demais ou grande demais para o discurso do universitário. Ele estrutura a ciência – a verdadeira ciência é mais próxima do discurso da histórica, ou antes, *a ciência é a histeria sem o mito* –, a burocracia, o capitalismo de estado, toda a aparelhagem de reprodução do capital. O objeto do discurso do universitário é uma preocupação com o Outro – que compreende como todo-poderoso e ao mesmo tempo frágil, que deve ser preservado a todo custo – de modo que não é de estranhar que, se por um lado pensadores como Žižek identificarão o fascismo como uma reação do discurso do mestre ao liberalismo moderno, por outro lado o stalinismo será visto como a chegada ao poder do discurso do universitário (SHARPE; BOUCHER, 2010, p. 94). O universitário é o novo mestre no sentido de um mestre “sem arbitrariedades”; o universitário se coloca como servo do povo para quem, sacerdote do conhecimento último, revela as inescapáveis leis da “ciência”, da sociedade, do progresso. Se o discurso do mestre era o discurso “sem razão” da dominação, para o discurso do universitário *tudo* tem uma razão. É o próprio discurso da tecnocracia, da racionalização, da “racionalidade” como instrumentação do discurso do mestre; ele está a favor do significante-mestre e armado com praticamente qualquer argumento, sob a forma aparente da razão.

O discurso seguinte é o discurso da histórica.

Discurso da Histérica

$$\uparrow \frac{\$}{a} \rightarrow \frac{S_1}{S_2} \downarrow$$

Este não é apenas um discurso proferido “patologicamente” por uma histérica, mas é aquele liame social onde um *sujeito* está inscrito como agente. Isto é, o agente é o sujeito cindido, é o *sintoma*. Ele se dirige ao mestre, ao significante-mestre para produzir conhecimento. Sua verdade é seu desejo. A histérica sabe a verdade sobre o desejo que existe no discurso do mestre. Se no discurso do mestre a *jouissance* é colocada no lugar do reprimido, no discurso da histérica ela é colocada no lugar da verdade. Porém o discurso da histérica ainda se encontra amarrado aos significantes-mestres da sociedade. A pessoa desse discurso ainda exige seus significantes do Outro, ao invés de produzi-los ela mesma. O analista, durante a psicoterapia, precisa “histericizar” o discurso de seu paciente, justamente para que o sintoma se manifeste.

A histeria é:

“o fato da linguagem se admitirmos que quem quer que fale seja histórico. Podemos ir além e dizer que o sujeito que pede para ser reconhecido é um fato da linguagem (...). A histérica não apenas solicita que a linguagem seja usada como um meio para explicá-la; ela também insiste em ser reconhecida como um ser da fala” (ZIZEK, 2003, p.88).

Por fim, o último dos quatro discursos propostos por Lacan é:

Discurso do Analista

$$\uparrow \frac{a}{S_2} \rightarrow \frac{\$}{S_1} \downarrow$$

Este é o chamado discurso do analista. Aqui podemos notar que o objeto-causa do desejo, o *objet-petit a*, está na posição do agente. Em outras palavras, o sujeito se coloca como causa do desejo do outro, esse outro dividido e castrado. O discurso do analista está sempre gerando *nonsense*, já que S_1 ocupa o espaço do produto, do resíduo da comunicação. Para testemunhar o bom resultado da análise, o analista precisa estar perante uma fala completa e coerente de um sujeito pleno ($\$$); livre dos lugares-comuns e clichês do Outro, e, ao mesmo tempo, articuladamente, o sujeito dividido pela linguagem precisa lidar com sua própria castração na fala. Ele produz uma verdade (S_1) subjetiva, ele permite

um significante-mestre na vida do analisando capaz de gerar novos significantes-mestres para sua vida; ao mesmo tempo, o analista é tido como o sujeito-suposto-saber (S_2). O discurso do analista subverte o discurso do mestre. A comunicação do analista pode ser simplesmente o silêncio. É a descoberta de Freud a respeito da histeria: *deixar o sintoma falar*. Com isso, Freud descobriu o discurso do analista.

2.3 A Angústia

Iremos agora definir operacionalmente o que entendemos por angústia.

Inversamente à teoria freudiana clássica, entendemos, com Lacan, que a angústia é um afeto que surge quando o sujeito não consegue se descolar do Outro, quando o Outro arrisca engolir e submergir o sujeito.

“A angústia é uma experiência corporal, a experiência do *objet a* no momento de sua mutilação e a experiência do desejo do Outro que se articula ao redor dessa mutilação.” (GONDEK, 2004, p. 233)

Como já dissemos previamente, o *objet petit a* é essa materialização do negativo. O pequeno *a* é como uma falta que emoldura o plano (o Outro) de onde foi retirado, em virtude de sua própria ausência.

Raciocinando dessa forma, a angústia é uma “falta da falta”, quando não localizamos o *objet petit a* e, conseqüentemente, não sabemos o que somos para o desejo do Outro. “O núcleo da angústia é essa absoluta incerteza quanto a o que eu sou.” (ZIZEK, 1993, p. 71). Nosso desejo é a tradução (tradução = relação) do desejo do Outro, mas quando não sabemos o que somos para esse desejo, angustiamo-nos. Nas palavras de Dylan Evans, o objeto que leva à angústia é o pequeno *a*. Para ele:

“Esse objeto é *objet petit a*, o objeto-causa do desejo, e a angústia aparece quando algo aparece no lugar desse objeto. A angústia surge quando o sujeito é confrontado pelo desejo do Outro, e não sabe qual objeto é para esse desejo. (...) Todo desejo surge de uma falta, e a angústia surge quando essa falta está faltando; a angústia é a falta de uma falta.” (EVANS, 1996, p. 12)

Mas também é preciso deixar bem claro, como diz Lacan, que a angústia “não engana”. A angústia é indicativa do Real e, portanto, é uma “pista” valiosa no terreno da análise. Segundo Glória Castilho:

“O limiar da angústia, bem como o sentimento de estranheza aí produzidos, sinaliza a irrupção, a atualização, no campo da análise, de algo do real, do objeto a cuja ‘única tradução subjetiva’ é a angústia.” (CASTILHO, 2005, p. 52)

Na angústia algo se perde.

“(...) o objeto é a perda (mais do que perdido): a perda de um passado desconhecido (ao invés de uma experiência específica), a perda de uma capacidade para obedecer ou seguir (não importa o que se faça, não se pode satisfazer o super-ego). O bloqueio ou rigidez da angústia, então, é ao mesmo tempo o movimento repetitivo e circular da pulsão, a força da perda.” (DEAN, 2010, p. 118).

Diremos portanto que existe uma função-angústia ideal que retorna, para a , o valor 0 (Zero). Podemos agora analisar a angústia em cada um dos quatro discursos.

3. A ANGÚSTIA NOS QUATRO DISCURSOS

3.1 A Angústia do Universitário

Se nos recordamos da formalização para o discurso do universitário, lembramo-nos que o objeto pequeno a está na posição do Outro. Conseqüentemente, é aí no Outro que está este Zero instaurador da angústia, ou antes, há como se fosse um apelo lançado para o Outro que não pode ser atendido. O universitário, em sua angústia, *não sabe*.

O universitário é o detentor do conhecimento reificado e burocrático, de forma tal que sua angústia é menos a de seu conhecimento não ser *verdadeiro* do que de não ser *válido* (aos olhos do grande Outro). Ter experimentado a verdade, esse *furo* no conhecimento nas palavras de Lacan, é algo distinto da posse do conhecimento. Como já dissemos, o conhecimento é imaginário ao passo que o saber é simbólico. Em sua angústia, o universitário vê as malhas do reconhecimento de seu estatuto de “saber” questionadas e desfeitas.

Há pelo menos duas coisas a serem levadas em conta quando a função-angústia está instaurada no *locus* do Outro: o delírio paranóide, como suposição do Outro do Outro; e, em segundo lugar, o apagamento da universalidade enquanto função do conhecimento e conhecimento de si mesmo.

A paranóia é tipificada na figura de Stalin, o universitário por excelência. O universitário angustiado delira com uma totalidade sistemática e um sistema totalitário que lhe permitiriam descolar-se do Outro – delírio no sentido em que isso apenas emaranha ainda mais o universitário.

O abandono da universalidade é também outro movimento que isola o universitário, em sua angústia, num pensamento vicioso, capaz de valer aqui e não lá, esvaindo-se do científico rumo ao mítico. O universitário passa a ser o lugar de um conhecimento que não precisaria se sustentar, apenas *ser sustentado* como retórica e somente retórica. O universitário passa a ser um produtor de sofismas.

3.2 A Angústia do Mestre

Na formalização discursiva do mestre o objeto pequeno *a* está localizado na posição do produto, daquilo que “resta” ou que “cai” como fruto da comunicação.

Em sua angústia, o mestre se vê “arando o deserto”, ou antes, o esforço de sua comunicação não encontra resultados. Assim, a situação do mestre é de desespero perante o vazio, é uma sensação de despropósito por não trazer ao mundo nada. Ora, é também um sentimento de impotência perante aquilo que se traduz do Outro, daquilo que se esperaria como produto de suas relações.

O mestre se vê incapaz de conseguir com que as outras pessoas lhe dêem aquilo que gostaria que elas lhe dessem. Sua angústia é a de se ver “traído” pelas pessoas, frustrado e se dizendo que “não merecem o trabalho que lhes dedica”. (Cabe, também aqui, a paranóia). O mestre angustiado está num “então é só isso?” existencial. Aquilo que produziu (isto é, na verdade, que fez produzirem para si) não monta, não avulta. Ao contrário, não há nada ali onde deveria haver, ele se entrega à sensação de desespero.

O mestre, em sua angústia, vê que tudo que conseguiu que produzissem, mesmo que avulte a “algo”, é inútil, é feio, é despropositado: foi uma perda de tempo.

3.3 A Angústia da Histórica

Na histórica a angústia se localiza na posição da verdade do discurso, na verdade inconsciente daquilo que ela fala. “Words, words, words,” diz Hamlet, e traduz o sentimento de esvaziamento da fala que a histórica sente na angústia. Mas é sobretudo a própria verdade que a histórica perde. É uma angústia a respeito do que pode ser vivido. A *vida* é esvaziada. (Aqui mora a depressão).

Se tudo é oco, é porque a histórica angustiada *desistiu* de saber o que é para o Outro, e portanto tudo ao redor perde a cor, o sabor, as emoções; instaura-se, em termos nietzscheanos, o “espírito do pesadume”.

A angústia histórica é um *cansaço*, um espaço sem rugas ou ondulações. A angústia histórica consome a si mesma – Ouroborus psíquico e negativo – até fugir da própria imagem especular. É o *Ideal-Ich* que se nubla à medida que o Zero corrói a verdade do semblante.

3.4 A Angústia do Analista

A angústia do analista é bem peculiar. No analista a angústia se localiza na posição do agente do discurso. É como se o analista não se descolasse de si mesmo. Na verdade, assumir a posição de objeto pequeno *a* é difícil na medida em que há essa identificação com “o dejetivo, o rejeito, o lixo”; em outras palavras, o analista angustiado corre o risco de implodir. Na verdade, quando angustiado, o analista parece “pular” para outro discurso.

3.5 Angústia inerente

Queremos agora formular a primeira tese deste texto.

Tese 1: a angústia é inerente ao ser falante como tal.

4. O DIALETO CAPITALISTA E A CULPA

Pronunciando-se em Milão, Jacques Lacan apontou para a emergência de um outro discurso além dos quatro discursos fundamentais, ou, antes, de uma espécie de “dialeto” que se dá pela inversão dos termos da coluna da esquerda no discurso do mestre.

Discurso do Capitalista

$$\uparrow \frac{\$}{S_1} \rightarrow \frac{S_2}{a} \downarrow$$

A formalização lacaniana do discurso do capitalista deve ser entendida em dois sentidos: no paradigma da produção e no paradigma do consumo.

Na produção o trabalhador (\$) se dirige aos meios de produção e ao *know-how* (S_2) e com eles produz mercadorias (*a*), que nunca são suficientes; elas são apropriadas pelos donos da empresa ou pelos acionistas (S_1) e usadas para acumular mais e mais capital. Esse a-mais, contudo, precisa ser reempregado para aumentar a eficiência da produção e vencer a competição: é um círculo vicioso.

No consumo agora o agente é o consumidor (\$), ele é posto para desejar os bens infinitos do sistema capitalista de produção (S_2). Contudo, ao identificar um desejo a uma mercadoria, o consumidor só pode necessariamente produzir um resíduo de insatisfação (*a*), algo elusivo que sempre lhe escapa. *Nenhuma mercadoria pode satisfazer um desejo*. Na vitrine, o que está exposto é sempre a mercadoria mais um “x”, um apelo pelo seu ser de mercadoria. Quando sai da vitrine, obviamente, é só aquele objeto. Mas assim ludibriado o consumidor é levado a querer satisfazer algo em sua posição de verdade (S_1) que deve ser entendido como *o super-ego*. O super-ego é uma instância psíquica que não tanto proíbe e impede, como faz crer o senso comum (calcado na realidade do século XIX), mas, ao contrário, que *obriga o sujeito a gozar*. Levado pela propaganda o consumidor deseja o produto tal, que no entanto sempre decepciona e frustra; mas o super-ego comanda o sujeito a gozar isso. Claramente, ao se obedecer a injunção do super-ego, gera-se mais um círculo vicioso. Esse é o *humanismo da mercadoria*, na justa expressão de Guy Debord, que subitamente trataria o trabalhador “como adulto” no papel de consumidor (DEBORD, 1983. p. 22). Porém aquilo que não pode ser criado na atividade não pode ser desfrutado na passividade.

Conforme o fenômeno da angústia, percebemos que o discurso capitalista é um de logro, engano e decepção. No plano da produção, o capitalista (como produtor) se angustiaria perante a inutilidade daquilo que produz, perante o despropósito do fruto de seu trabalho. No plano do consumo, o capitalista (como consumidor) se angustiaria perante a impossibilidade de encontrar sob a forma de mercadoria algo que corresponda a seu desejo. Mas o discurso capitalista possui uma relação toda especial com a angústia.

Tese 2: o discurso capitalista mascara a angústia em culpa.

Este é um ponto muito importante. O discurso capitalista é tão eficiente porque a angústia que lhe é inerente é surrupiada, evadida. O capitalista (no plano do consumo) acredita que a solução para aliviar sua culpa, por ter aberto mão de seu desejo ao tentar satisfazê-lo com uma mercadoria, estará justamente em outra mercadoria. Qual objeto poderá absolvê-lo?

“Onde quer que olhemos, a sociedade de consumo de mercadorias exige o gozo, de tal forma que se não estamos gozando então estaríamos fracassando de alguma forma. (...) No caso de um comando direto para gozar, a *culpa* surge na medida em que o sujeito trai seu desejo ao condescender ao gozo (o desejo se torna emaranhado a objetos específicos). Adicionalmente, quanto mais o sujeito obedecer à exigência do super-ego para gozar, mais feroz e exigente se torna o super-ego (...)” (BRYANT, 2008, p. 16)

Já o capitalista (no plano da produção) se atira com ímpeto à multiplicação de bens de consumo para acumular capital, mas gera culpa pois o destino desses produtos lhe escapa. A partir de Joan Copjec, podemos entender que a culpa é uma espécie de *jouissance* falsa, falsificada, ludibriante.

“A natureza dessa *jouissance* tem tudo a ver com o fato de que fornece uma falsa sensação de que o núcleo do ser de alguém é algo cognoscível, passível de ser possuído como identidade, uma propriedade, uma mais-valia anexada a uma pessoa. A *jouissance* falsificada nos intoxica com a sensação de que todas nossas identidades herdadas (...) nos enraízam num passado atual que pode ser perdido, mas não é de todo inacessível na medida em que podemos ter conhecimento dele, e estamos prestes a restabelecê-lo num futuro ideal. O que a angústia expõe como *jouissance* inapreensível ou irrecuperável, é o que os culpados, sem vergonha, buscam em seu respeito obsequioso a um passado sacralizado como em seu futuro. A busca febril desse futuro – concebido tanto como merecido como um re-pagamento por suas dívidas (impagáveis) ao passado – é o pobre substituto, é o adoçante Baixas Calorias, a aceitação culpada no lugar da doçura real da *jouissance*.” (COPJEC, 2006, p. 109)

Tese 3: a culpa é uma pseudo-*jouissance*.

5. CONCLUSÃO

Queremos retornar a um elemento do discurso do capitalista para orientar uma conclusão. Nós nos referimos a S_2 . No plano do consumo, o sujeito que não se dirige às mercadorias como fonte de satisfação não corre o risco da culpa, ao menos não da culpa capitalista. Mas como o (hiper)capitalismo é justamente a transformação de todo bem em mercadoria, o que resta é um espaço sempre fugidivo (e *idealizado*) de um “consumo consciente”, de uma “atitude positiva em relação ao consumo” e outros lugares comuns (re)apropriados, como não poderia deixar de ser, pelo próprio discurso capitalista.

Mas e quanto à produção? Aqui, S_2 é a máquina de produção de mercadorias, e também, sobretudo, o *know-how*. Existe uma postura de “instrumentalizar” os objetos, o que exigiria, do movimento contrário, a *criatividade*. Vamos retomar por um instante o discurso do analista:

Discurso do Analista

$$\uparrow \frac{a}{S_2} \rightarrow \frac{\$}{S_1} \downarrow$$

Como se pode ver, aqui S_2 está na posição da verdade (inconsciente). É justamente da tentativa de se controlar tudo que o analista abre mão. Ou antes: aquele a quem o analista se dirige é, na fórmula, o mesmo que, no discurso capitalista, é o sujeito da

enunciação. O que estamos dizendo é: o analista, no plano da produção, dirige-se ao sujeito de uma configuração (e não a uma máquina ou a um corpo de conhecimento) para gerar significantes-mestres. Esses novos significantes-mestres serão “mais leves” para o sujeito, e em grande medida escolhidos por ele, livres em parte do jugo da tradição e da vida regressa: é um momento de auto-determinação.

Tese 4: a *jouissance* está para a culpa assim como a criação está para a produção.

A criatividade é sempre e inevitavelmente um dilema. O discurso do analista, que compreende uma posição criativa perante o mundo (mundo onde a satisfação dos desejos é associada ao consumo de mercadorias) não produz, no sentido em que produzir é o uso de um molde (S_2) e criar, ao contrário, é tirar, aparentemente, do nada. O analista precisa confiar na fertilidade inesgotável do inconsciente e na justiça da verdade de seu desejo (S_2). Ele ganha abrindo mão e *somente* abrindo mão (numa espécie de desapego búdico, por que não?). Não há, nem pode haver, por definição, o momento analítico sem aquilo que não sabemos, sem o inconsciente, que obviamente não pode ser controlado com uma viseira (S_2).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRYANT, Levi R. “Žižek’s New Universe of Discourse: Politics and the Discourse of the Capitalist”. In: *International Journal of Žižek Studies*, vol. 2, n° 4, 2008.

BUENO, Cleuza Maria de Oliveira. *Entre-vista: espaço de construção subjetiva*. Porto Alegre: Ed. PUC-RS, 2002.

CASTILHO, Glória. “Perda de Laços, Solidão e Sentimento de Estranheza: Questões na Clínica com Idosos” In: HANNA, Maria S. G. F.; SOUZA, Neusa Santos. *O Objeto da Angústia*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.

COPJEC, Joan. “May ’68, the Emotional Month” In: ZIZEK, Slavoj. *Lacan: the silent partners*. London: Verso, 2006.

DEAN, Jodi. *Blog Theory: Feedback and Capture in the Circuits of Drive*. Cambridge: Polity Press, 2010.

EVANS, Dylan. *An Introductory Dictionary of Lacanian Psychoanalysis*. London: Routledge, 1996.

GONDEK, Hans-Dieter. "From the Protective Shield against Stimuli to the Fantasm" In: STEWART, Elizabeth; JAANUS, Marie; FELDSTEIN, Richard. *Lacan in the German speaking world*. New York: SUNY Press, 2004.

LIU, Catherine. "Lacan's Afterlife: Jacques Lacan meets Andy Warhol" In: RABATÉ, Jean-Michel. *The Cambridge Companion to Lacan*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

SHARPE, Matthew; BOUCHER, Geoff. *Zizek and Politics: a Critical Introduction*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2010.

ZIZEK, Slavoj. *Jacques Lacan*. Londres: Routledge, 2003.